

# **O Homem Novo e a Inocência Primitiva**

## **Um Estudo sobre o Reencontro entre Francisco de Assis e o Ecossistema**

**Marlon Ronald Fluck**

Causa certa estranheza que um cristão da Idade Média seja considerado modelo para a Ecologia (no Catolicismo é tido inclusive como padroeiro da mesma). Afinal, naquele período nem se conheciam ainda as ambivalências do progresso técnico. Não estava ainda tão acurado o domínio humano sobre a natureza, sempre encarado como fator de produção de riqueza. Enfim, as relações entre indivíduo (ou sociedade) e meio ambiente não se encontravam tão grandemente desintegradas. O ser humano ainda vivia em contato com as coisas vivas, em vez de estar enclausurado em um mundo feito de cimento armado. Não era a máquina que determinava o ritmo de vida. Ele tinha tempo e condições de “curtir” o mundo natural. “Poluição” era uma palavra desconhecida. O que podemos, então, aprender da vida de Francisco de Assis (1182-1226) no que respeita à ecologia?

### **1. Conversão a Deus Implica em Ser Levado de Volta à Criação**

Francisco de Assis é descrito como alguém criado no luxo e na vaidade, nos prazeres e nos vícios, na vanglória e nas conversas fúteis. Era “negociante esperto”, bem como “cercado por bandos de maus”. Assim foi a sua vida até quase 25 anos de idade, quando Deus o transformou, para que “se tornasse um exemplo de conversão para Deus diante de todos”.<sup>1</sup> É a partir dessa metamorfose ocorrida em sua vida que começará a contemplar Deus em sua obra prima: a natureza.

A conversão espiritual permite a Francisco olhar o mundo com essa atenção fraterna e nele descobrir a presença de Deus. (...) Por esse motivo, olha este mundo com os olhos de Cristo(...).<sup>2</sup>

O amor a Deus passará, agora, a reger suas relações com a criação. Isso o induz à reverência e ao respeito para com a mesma. Ela passa a ter um sentido especial para a sua vida. A história de sua vida com Deus passa a ser vista como a história de uma relação dinâmica de Francisco com a natureza. O reencontro com o Criador levou-o ao reencontro com as demais criaturas. O mundo tornou-se, a partir de então,

um espelho claríssimo da bondade de Deus. Louvava o Criador em todas as suas obras e sabia atribuir os atos a seu Autor. Exultava em todas as obras

das mãos do Senhor e enxergava a razão e a causa vivificantes através dos espetáculos que lhe davam prazer. Nas coisas belas reconhecia aquele que é o mais belo, e que todas as coisas boas clamavam: “Quem nos fez é ótimo”. Seguiu sempre o amado pelos vestígios que deixou nas coisas e fazia de tudo uma escada para chegar a seu trono.<sup>3</sup>

As criaturas passam a ser motivo de alegria para sua vida. O encontro com a natureza significa encontro com o seu Autor e Mantenedor. Os sinais de Deus são percebidos nas mínimas coisas. Cristo tornou-se o centro da vida de Francisco, marcou-a indelevelmente, de forma que, em toda parte, percebe as semelhanças entre as criaturas e o Criador. É o que o apóstolo Paulo também testemunha quando declara que

os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem desde o princípio do mundo, sendo percebidos meio das coisas que foram criadas.<sup>4</sup>

Em Cristo, toda criatura tornar-se-á seu irmão e sua irmã. Tudo passará a falar da presença de Deus em meio à sua obra. O valor das criaturas procede, a seu ver, de sua origem e finalidade. Sua origem é o ato voluntário de Deus em querer materializar Sua bondade. Sua finalidade é louvar o Criador e estimular os povos a que se voltem para quem os fez. Em suma, o mundo criado é para ser o palco em que se dramatize, espontânea e sinceramente, um louvor autêntico à fonte de todo bem: o Deus Criador, que manifestou seu amor máximo em Jesus Cristo.

### **O Homem Novo Vive uma Nova Harmonia: o Reencontro da Inocência Primitiva**

Na sua conversão a Deus, Francisco foi também reconciliado com a natureza. Surgia daí “uma amizade com cada uma das criaturas, que lembra nosso estado de inocência primitiva”<sup>5</sup>. Agora, havia uma nova relação de amizade, mesmo com aquilo que antes representava perigo. Reconstituiu-se um estado harmônico, a exemplo da situação primitiva, anterior à queda humana em pecado. Esse reencontro da inocência primitiva significa-lhe identificação com algo que dará um novo perfil à sua vida, bem como à de seus discípulos: a pobreza.

A contemplação da natureza, ou melhor, a contemplação de Deus através de sua obra criada só é possível depois de uma purificação, de um despojamento que, para Francisco, se identifica com a pobreza.<sup>6</sup>

Como pobre, e portanto vazio de si mesmo, Francisco terá uma visão completamente distinta de tudo. A identificação com a pobreza significa-lhe seguimento do crucificado. Desde sua conversão, Francisco optou por ser pobre: vendeu tudo que era seu, despiu-se de suas vestes, abandonando-as aos pés do bispo de Assis, à medida que dava as costas para sua cidade, aliás,

para toda sua vida pregressa, abandonou sua avarenta família... Isso tudo marcará a nova relação com a vida:

Pobre diante de todos os seres, sabia acolhê-los como generosos dons divinos, que não merecia. Tudo apreciava na ação de graças, e de tudo se privava sem interromper seus louvores a Deus. (...) Deixa cantar em seu coração a beleza daquilo que não possui ou que não vê mais.<sup>7</sup>

Tão diferentemente do sistema atual de vida, Francisco não tinha para com a natureza uma relação em que a intenção é tomar posse e explorar. Ele quer, isto sim, descobrir e amar, perceber os sinais de Deus em meio à Sua obra. Hoje, ao nosso ver, os maiores problemas ecológicos se devem exatamente à falta do reencontro com essa “inocência primitiva”, individual e coletivamente falando. O ecossistema tem sido tratado a partir da perspectiva única da acumulação de riqueza. Hoje, a inocência de Francisco soa como ingenuidade. É exatamente devido a esse aspecto que a vida se embrutece: já não se consegue mais louvar ao Criador pelas obras que Ele fez. O ser humano não consegue mais agir como criatura de Deus. Julga-se senhor sobre aquilo que o cerca: quer ser igual a Deus. Tornou-se escravo de sua própria cobiça. O ser humano se desumanizou.

### 3. Criação: Figura da História da Salvação

Francisco de Assis surpreende-nos pela forma freqüente como encontra paralelos entre a vida natural e a história da salvação. Aquela é vista muitas vezes como tipo dessa. Vejamos alguns exemplos:

Tinha tanta caridade que seu coração se comovia não só com as pessoas que passavam necessidade mas também com os animais, os répteis, os pássaros e as outras criaturas sensíveis e insensíveis. Mas, entre todos os animais, tinha uma predileção pelos cordeirinhos, porque a humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo foi comparada muitas vezes na Bíblia ao cordeiro, e com muito acerto. *Gostava de ver e de tratar com carinho todas as criaturas, principalmente aquelas em que podia descobrir alguma semelhança alegórica com o filho de Deus.*<sup>8</sup>

Poderíamos multiplicar os exemplos em que ele percebe na natureza a representação de alguma qualidade divina. As flores lembram-lhe os lírios dos vales, mencionados por Cristo; esse o argumento para deixar em meio às hortas um espaço para crescer algo que florescesse. A lenha nunca deveria ser proveniente do abate de uma árvore inteira, pois sempre deve-se possibilitar-lhe a chance de brotar e rejuvenescer, visto que Cristo quis realizar nossa salvação através do madeiro da cruz. A fundamentação da ação preservacionista será, portanto, de cunho teológico, mais propriamente, cuidar-se-á para que se mantenha vivo tudo aquilo que sirva como meio que aponte para alguma verdade vinculada a Cristo. As rochas serão respeitadas por-

que Cristo é descrito bíblicamente a partir dessa figura; o mesmo dir-se-á da água e vários outros elementos da natureza. A criação é, portanto, sinal de Deus no meio dos homens. Nela, Deus apresenta alegoricamente, de muitas formas, o propósito salvífico que Ele concretizou em Cristo. Isso o leva a propor que se criasse uma legislação para induzir a população em geral a que, no Natal, alimentasse as aves e os animais em geral, e ao boi e asno em especial, visto ter o próprio Deus decidido fazer Cristo nascer em meio a esses.

#### **4. O Ser Humano Reconciliado Dedicar Tempo para Ver, Admirar-se e Dialogar com a Criação, bem como Louvar a Deus pelas Suas Obras**

Já dissemos anteriormente que em nossa sociedade é a máquina que tem determinado o ritmo de vida das pessoas. Enquanto ela estiver ligada, as pessoas não podem parar. O ser humano, na sua ânsia por ter, sobreviver e prosperar, tem deixado de dedicar tempo para si mesmo, para sua família, para pensar, para ver o que se passa a seu redor... Temos entrado em um ritmo de automatismo.

Logicamente, quem não tem tempo para parar e ver o que se passa a seu redor, não pode ser uma pessoa integrada à criação. Nesse aspecto, Francisco nos desafia. Ele dedica tempo para ver o que Deus fez. Gosta de observar todas as criaturas vivas da fauna com que contacta. Consegue descobrir os traços deixados pela mão de Deus na criação. Na base de todo impulso de gratidão a Deus pela vida, encontra-se

uma simplicidade de olhar que não é outra coisa senão uma imediata capacidade de admiração, de encantamento diante da beleza criada (...). Admiração é uma possibilidade de gozar aquilo que é belo sem destruí-lo, sem anexá-lo, sem furtá-lo ao prazer de todos. Enriquece os pobres, que somos nós, sem dele privar os outros.<sup>9</sup>

Ele se dedica a “curtir” o perfume das flores e a enxergar sua beleza. Muitas vezes, passou o dia a observar a dedicação, a organização e a sabedoria das abelhas. Demonstrava de muitas formas o carinho para com as criaturas. Dava tempo para admirar o sol, a lua e as estrelas. Acariciava os seres vivos que lhe estivessem à mão. Conversava com as aves. Falava-lhes sobre as razões que teriam para louvar a Deus, apresentando inúmeros motivos. Esse tipo de conversa, na verdade, constituía-se em um diálogo tríplice. À medida que falava com as criaturas, dialogava também consigo mesmo, aquecendo em si mesmo essa atitude de agradecimento, bem como já se constituía num diálogo com o próprio Deus, visto que Ele era o assunto em torno do qual a conversação versava. Os atributos de Deus iam sendo, gradativamente, reconhecidos. Esse era certamente um ingrediente densamente presente na espiritualidade de Francisco de Assis.

As estórias apresentam-no em diálogo inclusive com animais ferozes, como o lobo de Gúbio, que era o terror da população daquela localidade. Através da mediação de Francisco, estabelece-se um pacto de paz entre a fera e a cidade. Francisco é visto como instrumento de reconciliação entre a humanidade e a ferocidade. Não é nossa pretensão debater agora acerca da historicidade desse evento. Julgamos conveniente apenas ressaltar que há uma reserva de sentido — aliás, bem significativa em termos de atualidade — por detrás dessa narrativa. Necessário se faz que, hoje, os cristãos tornem-se agentes de reconciliação entre ser humano e natureza! Cabe, no entanto, sublinhar o fato de que, hodiernamente, é o ser “humano” quem precisa ser domesticado!

Tudo encontra seu fim último no louvor e glorificação de Deus. A consolação própria e a edificação do próximo são, em Francisco, elementos vinculados a esse grande objetivo que está por detrás de toda contemplação da natureza. Os benefícios de Deus, concedidos ao ser humano por meio de tudo que foi criado, não coadunam com nossa falta de gratidão.

Francisco deixou expresso seu compromisso com Criador e criaturas no “Cântico do irmão sol”, composto em seus últimos dias de vida, quando já não mais podia ver as causas de sua gratidão, visto estar praticamente cego. Mesmo assim, ele a expressa, dizendo:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,  
Teus são o louvor, a glória, a honra  
E toda a bênção.

Só a ti, Altíssimo, são devidos;  
E homem algum é digno  
De te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Com todas as tuas criaturas,  
Especialmente o senhor irmão Sol,  
Que clareia o dia  
E com sua luz nos alumia.

E ele é belo e radiante  
Com grande esplendor:  
De ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Pela irmã Lua e as Estrelas,  
Que no céu formaste claras  
E preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Pelo irmão Vento,  
Pelo ar, ou nublado  
Ou sereno, e todo o tempo  
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor  
Pela irmã Água,  
Que é mui útil e humilde  
E preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor  
Pelo irmão Fogo  
Pelo qual iluminas a noite.  
E ele é belo e jucundo  
E vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Por nossa irmã Terra,  
Que nos sustenta e governa,  
E produz frutos diversos  
E coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Pelos que perdoam por teu amor,  
E suportam enfermidades e tribulações.

Bem-aventurados os que as sustentam em paz,  
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor,  
Por nossa irmã a Morte corporal,  
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrerem em pecado mortal!  
Felizes os que ela achar  
Conformes à tua santíssima vontade,  
Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor,  
E dai-lhe graças,  
E servi-o com grande humildade.<sup>10</sup>

Esse é o testamento deixado por alguém cuja vida foi pautada por coerência entre compromisso e ação, proclamação e vida, amor a Deus e ação ecológica.

## 5. Há Algum Sentido para Hoje?

Certamente, desde a época de Francisco muita coisa mudou. A relação do ser humano com a terra foi profundamente transformada. Naquela época, o ser humano ainda era parte da natureza, enquanto hoje transformou-se em explorador da mesma, alguém que tenta tratá-la como algo alheio<sup>11</sup>. No entanto, na época de Francisco, já estavam começando a surgir atitudes de domínio sobre a natureza, que viriam a desencadear o desenvolvimento de uma ciência e tecnologia dinâmicas nos séculos seguintes.

Olhar para Francisco como modelo para o zelo ecológico hodierno

não pode ser visto como sugestão de que os interessados na crise ecológica possam, ou mesmo queiram, desempenhar uma função de conselheiros de lobos ou de exortadores de pássaros. O que é significativo em Francisco, na perspectiva hodierna, não é tanto a forma que assume sua preocupação com o ecossistema, mas sim o princípio norteador da mesma, a sua epistemologia da ecologia. Ele tenta depor o ser humano de uma soberania despótica sobre a natureza, a bem da proposição de uma democratização das relações entre as criaturas e Deus. Deve-se sublinhar exatamente esse fato de que

O maior revolucionário espiritual da história do ocidente, São Francisco, propôs o que ele imaginava ser um ponto de vista cristão alternativo sobre a natureza e a relação do homem com ela. Tentou substituir a idéia do domínio ilimitado do homem sobre a criação pela idéia de igualdade entre todas as criaturas, inclusive o homem.<sup>12</sup>

Francisco de Assis foi certamente alguém que ouviu a criação que geme e, ao seu modo, traduziu tal sensibilidade em ação<sup>13</sup>. A nós cabe ouvir os gemidos ainda mais gritantes de hoje e dar-lhes uma resposta contextual e contemporânea.

## Notas

- 1 CELANO, Tomás de. Primeira Vida de São Francisco. In: *SÃO FRANCISCO de Assis; Escritos e biografias de São Francisco de Assis, crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis, Vozes/CEFEPAL do Brasil, 1981. p. 179-81.
- 2 MATTHIEU, Frei Luc. Frei Francisco e a criação. *Grande sinal; revista de espiritualidade*, Petrópolis, 40(5): 359, 1986.
- 3 CELANO, Tomás de. Segunda vida de São Francisco. In: *SÃO FRANCISCO de Assis; Escritos e biografias de São Francisco de Assis, crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis, Vozes/CEFEPAL do Brasil, 1981. p. 404.
- 4 Romanos 1.20, mencionado conforme a versão de João Ferreira de Almeida.
- 5 SÃO BOAVENTURA. Legenda maior (vida de São Francisco de Assis). In: *SÃO FRANCISCO de Assis; Escritos e biografias de São Francisco de Assis, crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis, Vozes/CEFEPAL do Brasil, 1981. p. 515.
- 6 Frei Luc MATTHIEU, op. c., p. 355.
- 7 Id. *ibid.*, p. 360.
- 8 Tomás de CELANO, *Primeira vida de São Francisco*, p. 233s.
- 9 Frei Luc MATTHIEU, op. c., p. 365s.
- 10 FRANCISCO DE ASSIS. O cântico do irmão sol. In: *SÃO FRANCISCO de Assis; Escritos e biografias de São Francisco de Assis, crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis, Vozes/CEFEPAL do Brasil, 1981. p. 70-2.
- 11 Uma das conseqüências do industrialismo é exatamente isso: alienação do ser humano

da natureza.

- 12 WHITE Jr., Lynn. As raízes históricas de nossa crise ecológica. In: SCHAEFFER, Francis A. *A poluição e a morte do homem*; uma perspectiva cristã da ecologia. Rio de Janeiro, Juerp, 1976. p. 128.
- 13 A vida e a obra de Francisco de Assis servem como ilustração daquilo que apresentamos em: FLUCK, Marlon. A natureza está gemendo. *Revista do CEM*, São Leopoldo, 8(2): 2-4, 1986.